

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Redacção, Administração, Composição e Impressão

PAGAMENTO, ADEANTADO

TIPOGRAFIA DO HERALDO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 reis)
Numero avulso, 4 centavos (40 reis)

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Editor e Administrador—Lyster Franco

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O 14 DE JULHO

A queda da Bastilha foi o inicio da derrocada das velhas instituições feudais e autocráticas da França. Foi mais: foi o abalo social que produziu a destruição, em toda a parte, dum mundo antigo de superstições e de injustiças.

Até ao meado do seculo seguinte as instituições políticas de todos os países sofreram remodelações radicais e progressistas, orientadas pelas lições que lhe legára a grande Revolução. Em Portugal assim sucedeu também, porque a revolução de 1820 foi o ensaio, embora infeliz, da aliança híbrida da genuína soberania do povo com a fictícia soberania do trono, dando em resultado uma liberdade falsificada, exercida por um constitucionalismo impatriótico e prevaricador.

Foi preciso que decorressem 12 decénios para que, na alvorada de 5 de Outubro de 1910, ecoasse, entre as estrofas triunfais da *Portuguesa*, o brado vibrante do povo saudando a victoria da Democracia; isto é, o resurgimento e a emancipação política da Patria Portuguesa!

Mas que diferença de processos empregados então em França, ou hoje em Portugal, para o conseguimento e victoria da soberania popular!

Saint-Just, aquele que depois foi um dos maiores terroristas, ao ver os excessos praticados pelo povo de Paris na tomada da Bastilha, escreveu cheio de indignação:

«A fraqueza gerou a crueldade; não sei que jamais se tenha visto, a não ser entre os selvagens e os escravos, o povo levar as cabeças dos personagens mais odiosos no cimo das lanças, beber o seu sangue, arrancar-lhes o coração e comê-lo... Vi eu isto em Paris! Ouvei os gritos de alegria do povo desenfreado que se divertia com bocados de carne humana, gritando:—Viva a liberdade!»

O que succedeu depois na Legislativa e na Convenção, levou também Cambon, que era um sincero e um justiciero, a escrever:

«Eis tudo o que sei da Revolução. Com a Constituinte acendêra-se um grande furo, que nós extinguimos com a Legislativa. Então a noite fez-se, e, na Convenção, nós matámos amigos e inimigos!»

A Revolução Francesa de 89 foi um desenrolar de saques, de devastações e de hecatombes pavorosas, em que a guilhotina funcionou ininterruptamente por anos, decepando milhares de cabeças, quer de adversários, quer de correligionários. A Revolução Portuguesa de 5 de Outubro, não! Esta foi como que uma transição suave, pacífica dum velho e odiado sistema político, de quasi 8 séculos de existência, para um novo regime de liberdade e de justiça, sem que ao menos se presenciasse alguma das cenas sangrentas e vingativas das revoluções portuguesas de 1383 e de 1640, emancipadoras do dominio espa-

nhol e iniciadoras das dinastias avizense e brigantina!

A Bastilha era a sinistra fortaleza, onde em carcerees imundos, sob grilhões e sob torturas, agouisava a Liberdade! A sua queda foi, portanto a queda do despotismo, foi a libertação do pensamento humano. Seguiu-se-lhe para logo a proclamação dos «Direitos do homem», e, pela abolição de privilégios e castas, o estabelecimento da igualdade civil e politica.

Mas a alegria resultante da sublime conquista que assim fez acordar, estremunhado, um povo que ha seculos jazia no letargo da ignorância e da inconsciencia, produziu neste uma alucinação que se traduziu em actos de verdadeira ferocidade, fazendo empanar o brilho da victoria com o derramamento de ondas de sangue, não só de adversários e culpados, como também de amigos e inocentes!

Em «Cinco de Outubro», não. Nessa hora da victoria da Democracia portuguesa, todos os braços se abriram num grande amplexo de fraternidade, e de todas as bocas em vez de gritos e imprecações de odio, de furor e de exterminio contra os tiranos e exploradores do povo, sómente se escutaram brados de alegria e saudações frementes á Liberdade, á Republica e á Patria! Em vez de devastações e saques, como em 89, foram os mais pobres, os esfarrapados, os esfomeados, e que eram verdadeiramente victimas dos ricos e dos poderosos, os que aos mesmos guardaram as propriedades, os tesouros, as pessoas, isto num periodo tão anormal, em que seriam explicáveis e desculpáveis sangrentas e violentas represalias!

Extraordinaria abnegação! nunca vista tamanha generosidade e honradez! Porque, como já dissemos, a commoção popular que derrubou a monarquia em Portugal não foi propriamente uma Revolução, mas simplesmente uma transformação politica, pacifica, natural, inevitavel; foi um raio de alvorada a dissipar as trevas da longa noite tormentosa do passado, dando logo inicio ao grande dia, esplendido e primaveril, dum auspicioso porvir!

Tomada da Bastilha explosão rubra de uma era de violentas reivindicações!

Cinco de Outubro!—rosicler duma aurora de justiça, de liberdade, de progresso de confraternisação dum povo nobre, e de resurgimento duma patria bela e gloriosa!

Se aquela foi uma tempestade, com o seu fuzilar dos raios e o seu ribombar de trovões,—este uma orquestração harmoniosa de sentimentos entoando hinos de esperança, de paz e de liberdade!

Saudemos, todavia, aquella tempestade formidanda, de que parece ainda ouvir-se o medonho fragor, tempestade que inundou de sangue a França, mas que foi relampejante de actos de abnegação e sacri-

fícios extraordinarios! Ela fez, apósi, germinar a semente lançada por Voltaire e Rousseau no terreno safo do seculo; a semente fecunda das ideas de libertação e democracia, da qual hoje a nossa Patria amada, está colhendo os mais opimos e saborosos fructos!

As tempestades produzem sempre as grandes inundações que tã do submergem ou arrastam na impetuosidade da torrente. Mas elas deixam sempre o solo enateirado e bem purificado a atmosfera.

Saudemos, portanto, a grande tormenta social do 14 de Julho, rememberingo hoje a tomada da Bastilha!

Luciano Fataça

Crónica cidadina

SEMANA CHEIA

Semana cheia, na verdade, esta última! Uma infinidade de successos, as últimas exhibições da Tournee Carlos de Oliveira, no Cine, a variedade dos ovos, que vão passar a ser vendidos nas oiriparias, as terrafias do pente a inquisilareu-nos e por ultimo, em ares de um «á ultima hora» sinistro, o caso do afogado no Poço do Pé da Cruz e o crime de um pequeno selvagem que, quasi á minha vista matou com uma pedrada uma descuidosa andorinha adormecida na quietação do crepusculo, sobre os fios electricos que passam perto da minha varanda...

Lucinda é aquela actriz sempre distinctissima e primorosa, cuja dicção natural e correctá possui o segredo de transportar magistralmente para o tablado a vida em todas as suas subtilidades e modalidades.

«E ve-la na graciosa velhinha da Manhã de sol...»

A sua conferencia sobre «Moda, Elegancia e Bom gosto», verdadeiro mimo literario escrito para ouvidos civilizados, encantou-nos positivamente e foi com má-gua e indignação que ouvimos certo genio bocejar, pigarriar e tossir, um exteriorisamente de aborrecimento descabido e impertinente, esquecendo aquele respeito cavalheiresco que, em geral se assimula com o chá, na infancia, e nos ensina a escutar com atençaõ quem nos fala, momentaneamente quando é uma senhora, e aureolada pelas fulgurações de uma Arte perfeita como Lucinda Simões!

Mas, Santo Deus! Eis-me pregando aos hereses, eu que de forma alguma pretendo invadir as atribuições de S. Ex.ª Reverendissima, o sr. Bispo!

Falemos do vento! Desabrido, ancorregivel e máu, não é verdade, gentilissima Letitora!

Dias e dias a soar-nos aos ouvidos, a encher-nos irritantemente os olhos de lixo e terraria! A adornar-nos, a bulir em nossos nervos com semcerimonia igual aquela com que Tu, Letora gentil, bateias o brilhante teclado do Teu magnifico piano!

Peste de pentó levante! As seis horas de sexta-feira, 13—diz-me um amigo—um homem deligenciando tirar o balde, que lhe cairá ao poço do Pé da Cruz, deu fé da existencia de um cadaver no fundo daquele abismo líquido.

Vulgarizada a ocorrência entre desmaiado do mulhiero e efectuada a pesca sinistra, pu-se que se tratava de um homem ainda novo, desconhecido, e que se supõe ser de Olhão.

A Justiça que tomou conta do caso nos elucidarã devidamente; por agora lamentemos o successo, lastimando que se perdesse o habito de utilizar aquele arco voltaico do Largo do Pé da Cruz, que presiste em brilhar pela escuridão, e que ainda não tenha sido coberto um poço que contém agua

nociva e é, em plena cidade, um incentivo ao suicidio!

Perdeu-se ha muito a conta dos infelizes que ali temem buscar o passaporte para a ultima viagem e, se contarmos com os cães, gatos, ratos e mais bicharia que lá tem caído, concordaremos que aquelle negregado poço está a pedir cobertura tal qual as creancinhas infelizes pedem a emissão de selos!

Tarde feita. Um crepusculo doentio e arvelento. Vento desabrido a fazer dançar folhagens e nuvens de pó.

As andorinhas, buscando o repouso da noite, enfileiram-se, descuidadas, sobre o fio electrico, graciosissimas no seu eterno luto. Pipitam, cantam, adormecem...

Na rua, sujo de corpo e humido, de alma, passa um garoto mal trajado; talvez um farrapo de brutalidade inconsciente, ao certo um criminoso, que, a expandir-se...

Aponta a sua fundação gracioso friso das andorinhas, calcula o peso a pedra voadora como um rio levando a morte a alma, cujo corpo amantado cai no pavimento da rua!

Apodera-se do sangue do despojo o pequeno facinora, e foge ao som dos protestos de indignação dos raros que presenciaram esta scena cambalesca!

Oi-o desaparecer volta a esguinta... Não o conheci nem me recorda de o ter visto no Cine, a bocejar, prejudicando com a sua brutalidade a audição da bela conferencia da Lucinda... mas... ta apostar que estava lá, com certeza!

LYSTER FRANCO.

Uma carta

Por ser um documento politico em que a sinceridade e a grandeza moral: do seu auctor, o sr. dr. Antonio José de Almeida, rutilam com extraordinario brilho, arquivamos hoje no «Heraldo» a carta com que o illustre Chefe do Partido Evolucionista agradeceu á saudação que lhe foi dirigida pelo ultimo Congresso do Partido Republicano Portuguez:

«Tenho a honra de apresentar ao congresso do Partido Republicano Portuguez os meus mais vivos agradecimentos pela saudação que elle me dirigiu.

Se o meu estado de saúde o permitisse, eu iria pessoalmente apresentá-los, mas, impossibilitado de o fazer, desta forma cumprio esse dever de cortezia, que é, ao mesmo tempo, uma demonstração de leal solidariedade republicana».

E' pequeno o espólio que ficará da minha vida de combatente politico, mas de entre elle alguma coisa, porventura, avultará a boavontade com que, em camaradagem patriótica e republicana, tenho trabalhado, sob a inspiração do meu partido, com o partido democratico, para que a Patria seja assegurado um futuro melhor e a Republica um destino mais belo.

Os nossos partidos, tão inimigos, que pareciam irreconciliáveis, harmonizaram-se de repente, como por encanto.

Foi uma missão augusta e sagrada, que operou esse fenomeno, que mais do que irrealizavel, parecia incompreensivel. E' que ambos os partidos viram a Patria em perigo, e, para republicanos dignos desse nome, as dissensões partidarias são miserias coisas quando perigam os destinos da grei.

Fomos e continuamos a ser, adversarios politicos. Dentro do ideal republicano que todos servimos, caminhamos para bem diversos objectivos, sendo bem diferentes as nossas aspirações.

Mas ha de honrar-nos sempre o gesto com que fraternalmente nos unimos, para que não se derrame em vão o sangue generoso daqueles que são, nesta hora de suprema angustia, os defensores da Patria, que queremos livre, para sobre ella livremente se embalsarem os berços dos nossos filhos.

Permita, sr. presidente, que, por intermedio de V. Ex.ª, eu saude todos os congressistas com a veemencia leal e sem reserva que costumou pôr em todos os meus actos de patriota e republicano.

Saude e Fraternidade.

Antonio José d'Almeida.

Regressou ontem de Lisboa o sr. dr. Francisco Vieira, illustre Governador Civil de Faro.

A ESTANTE DO «HERALDO»

«O COLECIONADOR» — Recebemos o 1.º numero desta revista trimestral, dos colleccionadores de selos, bilhetes postaes, etc. etc. Organizada pela Sociedade Philatelica Internacional Alvaro Espinosa-Club, dirigida pelos sr. Antonio Joaquim Teixeira e Francisco Traves Belo, refere o seu texto em portuguez, francez e italiano, e os artigos que lha são, estando destinada a prestar grandes servicos á philatelia de todos os paizes. Agradecemos a visita do Colecionador.

«NO FIM DA GUERRA» (Um SAKU) — 2.º numero. Quanto á publicação de este numero, não sabemos.

«Temos sobre a nossa mesa de trabalho, neste novo livro de Julio Quintilha, que vamos ler, com a esperança que merecem sempre livros as obras literarias, sentidas e honestamente escritas. Faremos, depois, mais ampla referenciamos. «Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Permissão da Instrução primaria elementar» — 1.º numero. Aborda a discussão de alfabeto, o mesmo Arthur Manuel Augusta — Agudo, filho do nosso presidente do Conselho de Instrução primaria elementar, e da sua coordenação.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

«Noticia da Guerra» (Militarismo) — 1.º numero. Publica Quintilha esp.ª sobre o espirito da guerra, e a industria com que esculpe o exemplar, que ficamos devendo á sua apreciação em julho de 1917.

O QUE DIZEM OS MESTRES

A Alegria e Tristezas

Muito cuidado devemos ter contra os excessos da alegria; mas também ao mesmo tempo não devemos deixar-nos oprimidos aos excessos da pena; por que nem sempre este mundo nos enche de bens tão gostosos, nem de males tão cruéis, que a alma possa tirar-se da balança, nem perder o equilíbrio da moderação.

Aqui temos a risonha morada da Alegria. Está por fora ornada de pinturas; escuta o estrondo de muita gente cheia de gostos, e de vinho. A senhora da casa, está à porta, e a sua voz se percebe em continuos cantos, e risos imoderados. Chama os que passam, convida-os para entrarem, e a gozar dos gostos da vida, dizendo-lhes que só ali se acham. Mas adverte que deve ter muito cuidado em não passar os umbrais da sua porta, e em não se associarem com aqueles, que frequentam a sua casa. Eles chamam-se filhos da Alegria; por que continuamente estão rindo; e parece que nadando também no mar dos gostos; mas todas as suas acções não são outra cousa mais do que demencia, e loucura. A depravação é o laço que os une, e seus passos sempre se precipitam para o mal: por todos os lados se acham cercados de perigos, e de baixo de seus pés para os engolir se abre o abismo da destruição.

Volta logo para a outra parte, e vê em aquele vale coberto com a sombra das arvores, e escondida a vista dos homens a morada da Tristeza.

Seu coração está inchado pelos suspiros, e não se ocupa em outra cousa mais do que nas misérias do genero humano. Fixa os olhos sobre os accidentes ordinarios da Vida, e então chora; a fraqueza, e a maldade do homem são o perpetuo sujeito dos seus discursos. Parece-lhe, que toda a natureza está cheia de maldades; não se vê a sua boca, somente se ouvem sair vozes de pranto, e ais de melancolia! Não sai fóra do seu aposento; seu sono é contagioso porque murcha as flores, e queima os frutos que formam o mais alegre adorno do jardim da Vida.

Olha não te engane o teu pé; foje-da casa da Alegria mas de um modo tal, que nem por isso te chegues muito para a morada da tristeza, seguindo com grande cuidado o caminho do meio, por que esse é o que pode conduzir-te ao palacio da Tranquillidade, onde as alegrias e tristezas são tão atenuadas pelos árdios mas doces labores do Trabalho que nem a primeira te esquenta a imaginação, nem a segunda pôde confranger-te. Ai, sim, estarás bem. Evita, pois, os excessos da Alegria e foge dos liames da Tristeza e terás vida calma e feliz.

Frei Bernardo de Brito.

O MEU POBRESINHO

Sob o peso dos oitenta anos e um tanto já vergado para a terra, como que procurando onde enterrar-se, mas ainda bem conservado, gira descalço pelas ruas o pobre Gógo.

Quem ha em Faro que não o conheça? Pobre infeliz velhote! Sem familia, só cá nesta vida de enganar e abandonar de tudo, tem vivido já tres quartos de seculo!

Decrepito, pobre e sem ninguém, estende nas ruas da cidade a caridade a mão onde segurará um esfarrapado barrete, que ele tomou por bolsa depositaria da sua riqueza, visto ali receber qualquer moeda que lhe deu o seu menino, como ele diz na sua linguagem de monsilabos.

Velho honrado é serio na pobreza! Nunca o vemos em qualquer orgia por mais insignificante que seja!

Sempre impassivel no meio de toda a sua infelicidade, ele sorri quando lhe dão um cigarinho, uma das suas maiores ambições! E assim vive este bondoso velhote já todo encanecido, desconhecendo nas suas fazes mais simples as belezas da natureza, os encantos vivificantes que ela nos patenteia por esse mundo fóra!

Quão feliz não seria ele, se visse um dia duma frondosa rocha destacar-se da sua maior altura um limpido e cristalino jacto d'agua e que batendo de pedra em pedra se vai lançar por fim num relvado vivissimo duma planicie sem fim e onde nós poderemos sem exitar, ouvir o ruído encantador, compara-lo ao murmúrio das pequeninas aguazinhas que cheigas de graça, e sob o suave perfume das flores agrestes, se aconcheguem a mãe que sem medo nos fita porque o homem não está ali, encantado com aquele soberbo quadro se esqueceu de tudo!

Mas o meu pobresinho no meio daquelle sua infelicidade sorri! Sente-se feliz! desconhece o mundo quasi que por completo e unicamente reserva no intimo, no fundo do seu coração, como agradecimento para o seu benefeitor, um sorriso que lhe treme nos labios e que interfere quem tal presença, conseguindo assim da nossa parte uma vontade irresistivel e illimitada de pedir a todos os que podem, uma esmolinha para o pobre Gógo!

Honorato Santos.

FUTURISMO

GENTE NOVA

ESPIRAL VERDE

Aquele que eu amo em odio

Abrindo os braços em curvas limitadas da azul, na ostentação Pachá de um turbante rubro, cravos gargalham em solitario esgúio ao som da viola morta em desesperos amettiminos!

Ilusões perdidas! Ilusões perdidas!
**MODAS E CONFECÇÕES!
CHAPÉUS MODELO!!!**

Faro, Julho 1917.

NEBLINA.

SOMBRAS EM SER EU

Visões altas a subir em ser ido,
Parado. Não poder iludir
Em ser eu sendo a sombra
Em meu cerebro
Outra coisa da vida no exterior
De ser eu

Deixei a subir em passado
As sombras do exterior do meu pensamento

E voltei-me, parado, á luz
De ser sombra, sem ser
Para além, no interior
Da minha crença
A fugir da minha fé para lá.

Se houvesse entre mim.
E a minha fé em presente
Qualquer coisa que fosse
A ponte de ser eu
Nos sonhos para dentro
Da minha fé de sentir
Exterior, a morrer sobre a ponte
Da minha crença:
Parava pra fóra a minha existencia
De dentro

Não querer que se basta
O pensamento pra fora
Da nossa existencia,
São as sombras de dentro
Da nossa fé de sentir em sermos nós.

Continuam subindo as sombras
Em ser eu

Transbordei-me
Para além da minha existencia de ver

Os sonhos em passado,
No ardor medi todo de sentir
A febre do meu cerebro
A arder para além da minha
Ilusão de me possuir
Sem ser a sombra do Presente
Iluminado por detrás
P'lo Passado inconcebível.

E tudo o que poder deixar
De ser a vida interior
Em que consumo as horas

Da minha fé de sentir
Pra dentro do meu cerebro,
Será a minha existencia
Nas sombras inoriadas
Da minha energia
A fugir-me em volúpia
Pró lado contrario das minhas sensações,
Civilização orgiaca
Do meu organismo sombreado,
A querer-me mais ainda
Da compreensão exata
Que fica das inteligenças,
Pró lado de sentir das ilusões

Paravam de subir as sombras
Em ser eu

1 de Julho de 1917.

João Rosado. (HORACIO.)

RITORNELO...

A musica dos Teus gestos nunca vistos

No luar antigo dizias meus Teus pensamentos!
E. Centauro vagaroso, meu desejo de ver-Te adormecia ansiado na loucura de contemplar-Te!

Cigarras de ouro trilhando na Arvore-Tempo as horas passavam encandeadas de miosótis, lírios, verbenas e fôlhas de hera...

E tanto ambicionei ver-Te,—eu a quem Tu cegas de amor!—que as tenazes da Hemeralopia feroz acorreram a imobilizar-me as pupilas!

E meus olhos desfolharam lagrimas na certeza suplicadora de jamais fitarem a azurracha de ouro e velame purpureo, que, em sulcos de prata, arando o rio, viesse trazer-Te para mim!...

Mesmo sem ver-Te, sem jámais ter contemplado Teu vulto ideal, meus tristes olhos mortos aprenderam a heliografar Tua imagem, pela acção directa da mais poderosa força amavel, na lamina refrangente do meu coração adocicado em azulamentos de morte!

E assim

Tu vives nele, viverás sempre!

Folhas mortas suspirando gemidos perfumados, cantam o eterno hinário da Saudade impercível, broslada de aspirações irrealizáveis...

E os ecos riem, entoando em harmonia plena o eterno descante da Tristeza no eirado êrmo da Felicidade suprema que o Destino me roubou para outro!

Branca, de immaculado arminho, vejo esfolhada a grinalda ideal que no meu incessante delirio eu ambicionei esfolhar!

E o Passado uiva escarneos á dôr convulsionante que me alcança!

E os Cisnes de perfume imobilizam-se em marmore dolorido e morto!

E a minha tortura não é vida porque é tortura!

Porto, Julho de 1917.

Vivino.

Instantaneo

No Mar-Morta-Vida-Negra uma torre lapidada e bôjuda com corôa de ouro!

Bôjudo de Tabaco?

Horas vivas de um Relógio parado!

Momentos lucidos de um cerebro doente!

Camelos hirtos, parados, mórnos, bôças fumegantes de chaminés de grandes fábricas!!!

Estou a ver' daqui o meu cachimbo de raiz, cabeça de turco zebrada a fumo e nicotina, a dancar rodopiamentos espiralâncios, de vertigem morte-côr!

Fumo! Fumo e mais fumo! Tudo isto é fumo!

São equações de fumo a resolver a negro no quadro branco do meu livro de mortallas

Zig-Zag!

P'papier-Duc! !

Sa!n !!!

Dei, agora um abraço no porteiro dos Grâdes Armazens Herminios, que festejaram o seu 24.º anniversario!

E ofereci um cigarro a uma mentra!

Porto, 5 Julho 1917.

KERNOÇ.

A's Senhoras

A pancada na educação

Nada influe mais poderosamente no caracter do individuo ilo que a forma porque foi educado.

Uma das provas desta afirmação está na forma porque os homens, seja qual for a sua posição social, redimem entre si qualquer questinocula. Sacam da heugala, do cace-lê ou na falta destes, põem em movimento braços e pernas espancando-se.

Entre os filhos do povo chama-se a isto desorden, entre os burguezes scênâ de pupilaio.

Pilula doirada...

Porque é isto?

Simplemente porque o homem está desde os primeiros anos habituado a ver corrigir delitos com pancada. No lar palerno, na escola, no logar onde aprende um qualquer mistér todos os delitos se resolvem á pancada.

E á mulher como principal educadora da infancia que compete evitar esta anomalia que, reflectindo-se mais tarde no caracter

do lumen, origina esses tristes factos que todos os dias vemos: as homens espancando-se, espancando as esposas e os filhos.

Vossos filhos, minhas senhoras, podem muito bem prestar-se á pratica dos seus dâveres, desde que vos deixem estudar-lhes o caracter.

Se é voluntarioso e fugaz, a pancada fa-lo ainda peor porque lhe irritará o caracter tornando-o velluco e traçoireiro; se tímido e reservado, poderá ainda torria-lo meios espansivo e crearáis um móno como o vilgo chama ás creanças demasiado tímidas, ou então um caracter dúbio e será um souso e em qualquer dos casos habitua-los-ôis a só obedecerem pela pancada tornando esta uma necessidade.

São, com v'ê lês, resulta-los contraproducentes cuja maior vitima sereis vós.

Fugi, pois, de exercer esse terrivel correctiva que ainda pode ter outro resultado mais lamentavel: o prodnizir aleijôis-fizicos e a origem de morte prematura.

Quando entrogardes vossos filhos a algum para educar ou ensinar um qualquer mistér não digais:

«Quando for necessario chegue-lhe», porque além de cometerdes um crime que afec-

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

A UMA CRIANÇA

Quando, lirio do val, que o sol não cresta,
Sorrindo pela rua a medo segues,
Vestidinha de chita, e tão modesta,
Que nem a olhar para mim te atreves...

Quando, rôla do monte, ingênua e pura,
—Rôla que sai do ninho ainda a medo...—
No Templo rezas com ideal doçura,
Das outras afastada, e em segredo...

Eu scismo triste, então, que alguém sem pejo,
Que um monstro, teu senhor, em ancia louca,
Talvez um dia vá manchar, num beijo,
A castidade astral da tua boca...

Quadras

Se em noite escura Te avisto,
Que é dia se me afigura.
O dia em que se não vejo
E' que é pra mim noite escura.

Posta assim triste, á tardinha,
No terraço a fazer renda,
Tu lembras, ô moreninha,
Moira captiva de lenda...

BERNARDO DE PASSOS.

PRÓSA

MADRIGAIS EM PRÓSA

HORA MÍSTICA

Este amor que vos tenho, limpo o puro,
de pensamento vil nunca tocado,
em minha tenra idade começado,
te-lo dentro nesta alma só procuro.

Luis de Camões.

Enoitecera.
No ceo, muito azul, uma fulgente poalha de ouro resplandecia e, sobre os misterios da folhagem, em scintilações oscilantes, luciluziam lagrimas de orvalho.

A lua, muito saudosa, ergueu-se por detrás da casaria, inundando os campos com a sua argentea claridade.

Rouxinoes modelaram serenatas maviosas e tornou-se mais intenso o perfume das flores...

A'quella hora mística, levado pelo Aca-so, encontrei-me sob a balastrada da Tua janela e; na ambição de contemplar-Te, permaneci longo tempo, encostado á uma das velhas arvores que ensombram o eirado, que rodeia o Teu solar.

Então, num suavissimo devaneio, pareceu-me que á Tua janela se abria, toda se iluminava e que Tu surgias apezar de tão distante—gracioso lirio—em todo o esplendor da Tua arrebatadora beleza; tão real e perfeitamente como se junto a mim estivesse!

Era um blôco luminoso todo o Teu lindo vulto.

Saudando-Te, redobramos seus efluvios as florinhas e, sob a folhagem, áves cantaram suas mais melodiosas harmonias...

Imaginei, então, que a Tua linda boca se entreabria e, num murmúrio brando, me dizias:

Amo-te!

Grandes nuvens, lembrando negros corvos, começaram correndo pelo firmamento!

Um vento forte, muito forte, fez rolar as folhas mortas, impelindo-as a uma farandola acompanhada de gemidos metálicos e dolentes...

A lua desapareceu, ocultaram-se as estrelas e, dissipando o meu lindo sonho, meus pensamentos começaram acompanhando o doloroso giro das fôlhas secas...

E' tão sinistro o sabat nas fôlhas mortas!... tão triste... tão cheio de evocações!...

E o luar, quando, mais tarde, irrompeu através das grandes nuvens, derramou ao longe, pela terra, uma comprida legião de espectros...

E a Tua janela negrejava entre o caio das largas paredes...

Permanecia, lá ainda, o Teu gracioso vulto, mas completamente demudado.

Parecias uma estatua-funebre. Eram rígidas as linhas do Teu corpo e tinha o palôr dos mortos a Tua linda fronte...

Alanceou-me uma grande dôr, gelou-se todo o meu sangue ao ver-Te assim transformada.

Trepei á Tua janela, cingi-Te febrilmente em meus braços, tentando animar o marmore do Teu vulto com a ardencia dos meus beijos...

Mas... ai de mim!...

Só conseguí ver que sorrisas, desdenhosa, e apenas entreabriste os labios para dizer-me esta frase que me aniquilou:

—Olvidei-te!

LYSTER FRANCO.

Migalhas de Historia

Entre as saudações apresentadas a Jacques I, á da cidade de Shreutshourg era a mais notavel. Desjávã-se que em imagetade reinasse enquanto houvesse estrelas-lua e sol.

—Por minha fé, disse o rei á pessoa que lhe apresentava a saudação, se os vossos votos se realizam, nien filho será obrigado a reinar á luz da candelã!

Com verdade ou sem ella, conta-se que quando Napoleão III era criança, uma cigalia, que á pedrão da mãe do futuro imperador, lhe lera a sina, dissera:

—Esta creança está fadada para os maiores destinos, mas deve sempre acautelar-se com a letra S, que representará um gradão de papel na sua existencia.

Recapitulando a vida de Napoleão III, verifica-se efectivamente que a letra S apparece com frequencia. E' por ella que elle começa, em Shreutshourg. Depois, vem Sebastopol, Solferino e Sedowa. Por fim é em Sedan que elle acaba. Que fatalismo!

GONCALVES CRESPO.

POR ESSE MUNDO

A fotografia da voz

O tenor Caruso declarou recentemente, como se sabe, que pode cantar todas as noites sem esforço, sejam quais forem as condições do local onde canta.

Mas um aparelho inventado ultimamente torna inúteis todas as disputas. Com ele pode-se fotografar a voz e saber-se-hia exactamente se canta justo ou a compasso, se a voz é fraca e, em suma, quais os seus defeitos e qualidades.

Os directores de teatros, antes de contratar telegraficamente um cantor ou uma cantora, por exemplo, pedirão que lhes enviem uma fotografia da sua voz.

Entretanto, já disse um artista velho que assim como ha retratos retocados, que favorecem enormemente a pessoa retratada, poderá também haver retoques na fotografia da voz, que igualmente favoreçam esta.

Um caso extraordinario

O jornal «Le Cri de Paris» contava na segunda-feira, o seguinte caso extraordinario.

Em Májunga (Africa) um colono branco que tinha um pleito com outro branco, foi ao Tribunal da povoação para perguntar em que estado estava a sua questão.

Depois de haver percorrido todas as dependencias do edificio sem encontrar nem assombra dum funcionario, saiu desalentado, quando se encontrou com um negro gigantesco, muito ligeiramente vestido, que varia a rua em frente do Tribunal.

E perguntou-lhe: — Não está ninguém ali dentro? — Creio que não. — Nem sequer um continuo ou um porteiro? — Não. — E que hei de fazer para falar aos juizes? — Os juizes? Os brancos? Já se foram.

— Ainda deviam estar aqui. — Acabaram cedo. — E quando voltarão? — O negro fez um gesto evasivo. Indignado, o litigante exclamou furioso:

— E tu, queres dizer-me o que fazes aí? — O que vê... Estou varrendo a porta, porque o porteiro tambem se foi e disse-me que o fizesse...

— E quem és tu? — Eu sou o condenado á morte— disse tranquillamente o negro.

E continuou varrendo. Tinham-no condenado á morte naquela mesma manhã e confiaram a sua custodia ao porteiro do Tribunal.

E o porteiro, em vez de o encerrar, deu-lhe uma vassoura, ordenou-lhe que varresse a rua e foi dormir a sesta! Delicioso paiz!

Roubo importante

O conde de Mouraveff desembarcou sexta-feira em Calaix e dispunha-se a tomar o comboio para Paris.

O conde levava um sacco de mão contendo cem mil francos em joias e cinco mil em dinheiro.

Deixou um momento o sacco abandonado e quando o quiz recolher tinha desaparecido.

Ignora-se quem é o autor do roubo. A policia emprega grandes diligencias para descobrir o ladrão.

Sociedade «Propaganda de Portugal»

Noticias recebidas ultimamente na sede da Propaganda de Portugal referem que o sr. Conde de Penha Garcia realizou na Suíça, perante os refugiados da guerra, uma longa serie de conferencias a respeito do nosso paiz, a qual, como não podia deixar de ser, foi brillantissima.

O seu publico foi constituído por internados francezes e belgas e as conferencias do illustre titular, que tanto tem feito para que Portugal se torne o mais conhecido possível lá fora, realisarão-se a pedido da «Comissão dos Internos» e tiveram todas o maior exito.

Foi durante os dias de Fevereiro, Março, Abril e Maio, que o sr. Conde de Penha Garcia se entregou á sua tarefa patriótica, efectuando durante esse tempo, quinze con-

ferencias nos sectores de internados de Camky, Charnay, Grovères, Morgins Cham-Péry, Chesvères, Siat-Corgue, Les Diablerets, Spiez, Wengen, Frutigen, Fiesch, Interlaken, Meiringen e Engelberg. A essas conferencias assistiram cerca de sete mil soldados, officiaes e civis. E como cada palestra foi acompanhada de projecções de vistas de Portugal furnecidas pela Sociedade Propaganda ao confrente, cada uma delas representou como uma pequena visita ao nosso paiz, dando ensejo a todos os que ouviram o sr. Conde de Penha Garcia de ficarem conhecendo grande parte da terra portugueza, os seus habitantes e alguns dos seus mais belos monumentos.

Más não se limitou simplesmente á divplagação das nossas maravilhosas paisagens o esforço excelente do confrente. Ele foi mais longo, porque o sr. Conde de Penha Garcia, ao mesmo tempo que afirmou sempre a sua calorosa simpatia pelos aliados, nunca deixou de exaltar a nossa cooperação na grande guerra, nem de pôr em relevo os sacrificios que ella custa á Portugal, o illustre confrente foi acolhido por toda a parte com as mais captivantes manifestações de estima e de agrado, ao mesmo tempo que a Patria Portugueza, evocada pela sua palavra fluente e culta, jamais deixara de ser calorosamente victoriada. Se no proximo inverno ainda houver na Suíça internados francezes, o belgas, o sr. Conde de Penha Garcia, a pedido da referida Comissão, tentou realizar uma nova serie de conferencias, cujo exito não será decerto menor que o das deste ano. Os beneficios desta propaganda são manifestos, sendo por isso desnecessario enarrá-los. A campanha do sr. Conde de Penha em favor de Portugal é daquelas que se impõem por si mesmo. A sua attente notabilissima hora nos sobremaneira. Eis porque nos parece que convem divulgar o exemplo que este portuguez excelente nos dá, para que se veja que ainda ha quem saiba, afinal lá por fóra, cumprir nobremente o seu dever de patriota, não esquecendo a terra que sendo de nós todos, é tambem a sua.

Lá por fóra

Os grilos na China

Na China, os combates de grilos, são, sob o ponto de vista das apostas, quasi o mesmo do que em França as corridas de cavalos.

As casas de jogo, onde se efectuam as apostas sobre os grilos, são prohibidas, e a policia pune severamente os gerentes destes estabelecimentos e os frequentadores quando os surpreende. Apesar desta prohibição, os utge-cia-fao (casas onde os grilos combatem) estão espalhadas por toda a parte e as apostas atingem muitas vezes quantias elevadas.

O sono eléctrico

O sono eléctrico, que Stéfano Ledue foi o primeiro a indicar á atenção do mundo scientifico, é um estado analogo ao sono cloroformico. O individuo, deitado, fica sem movimento voluntario, insensível ás excitações mesmo as mais dolorosas. E' mantido neste estado durante a duração da corrente eléctrica; desde que esta cessa, produz-se um despertar instantaneo, sem a menor dor.

As unhas

São precisos quatro meses e meio para que as unhas das mãos se renovem completamente. Calculou-se que se conservassemos preciosamente a unha do index encerrada em um estajo, analogo ao dos chibezes, no fim de 60 anos, aproximadamente, teriamos uma unha com mais de dois metros de comprimento.

«O Heraldo» em Saboia

Podem-voos a publicação de seguinte: Desapareceu ha tempo da casa de seu pae, Francisco Valentim, do sitio denominado Côte da Pomba, freguezia do Alferse, do concelho de Monchique, Maria Francisca, que tem os seguintes sinais: estatura regular, rosto largo e claro, nutrida, devendo ter 27 anos. Em 9 de Março do corrente ano, faleceu o sr. Francisco Valentim, pelo que sua filha é herdeira d'alguns bens, os quais se acham em poder do seu cunhado Herculano Joaquim Leonor.

A quem souber do paradeiro, de Maria Francisca, pede o sr. Herculano Joaquim Leonor, residente no sitio da Pomba, freguezia do Alferse, concelho de Monchique, a fineza de lhe indicar, ou para o correspondente de «O Heraldo» nesta localidade.

—Encontra-se nesta localidade, o sr. dr. José Manuel Ribeiro, illustre clinico, com consultorio medico, no Rocio, em Lisboa, tendo vindo visitar sua familia.

Por esse Algarve

Loulé Pr.ximo desta estação, uma mulher que

A Elegante

Poz de arroz «Maria» e mais produtos de Beleza, vendem-se neste estabeleciment. Envia-se á cobrança.

MAQUINAS E ACESSORIOS

PARA AS INDUSTRIAS E AGRICULTURA

MOTORES ELECTRICOS DE VARIAS VOLTAGENS

DYNAMOS DE VARIAS AMPERAGENS

Das mais afiançadas

constructores

O MAIOR

DEPOSITO DO PAIZ

John M. Sumner & C.º

SUCCESSORES

BAPTISTA, FILHO & C.º

29, Avenida da Liberdade, 37

LISBOA

DEPOSITO DE MADEIRAS E CAIXOTERIA

DE

Silveira & Herdade

Madeiras de primeira qualidade e das melhores procedencias em Forros, Soalhos, Vigamentos e Ripa.

CAIXAS de todos os tipos para figos, miolo de amendoas e ameijoas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua Francisco Barreto—FARO

REMEDIO FRANCES



REMEDIO FRANCES

ainda não foi reconhecida atiron-se para a frente do comboio n.º 6, de passageiros, ficando em estado grave, sendo conduzida para o hospital.

Olhão

José Rodrigues Almodovar, de 13 anos, filho de Maria do Carmo Canaia, natural de Olhão, onde reside, envolveu-se ali em desordem com um outro rapaz seu patricio, de 12 anos, chamado Manuel Távira, filho de José Távira e de Maria do O, o qual lhe vibrou uma facada no ventre, deixando-o em perigo de vida.

Pensado no hospital da vila, foi para Lisboa, a fim de ser operado no hospital de S. José, mas morreu ao chegar ao Barreiro, pelo que o medico dos caminhos de ferro, chamado a verificar o obito, o mandou para a Morgue.

Neste estabelecimento recebeu-se já ordem telegrafica do juiz da comarca para se proceder a autopsia do Almodovar.

Távira

Na venda das Flores, nesta cidade, tambem tomaram parte as sr.ªs D. Ana Sergio de Faria Pereira, D. Beatriz Marques e D. Maria José Neves de Melo.

Está seobora e a senhora D. Ana Pacheco herdaram de pintarem lindos quadros que foram rifados no bazar, rendendo cerca de 16 escudos.

As festas da venda da flor, com o donativo de 50 escudos da Fabrica de m'agens a que se referiamos, com 30 escudos da Companhia de Pescarias do Algarve, e com

5 escudos do jornal A Provincia do Algarve, que tambem nada quiz receber dos impresos, renderam 259\$17.

As festas no jardim, em 23 e 24 constaram de antiphonia musical e bazar, havendo venda de doces, gelados e outros refrescos confeccionados pelas sr.ªs. Renderam 89 escudos e tiveram uma despeza de 30, incluindo a verba de 9 escudos que a filarmonica dos Lumpiuhos ganhou, pois se recusou a prestar o seu concurso gratuito a fins tão humanitarias.

Comprou-nos dizer que as festas foram feitas a pedido da Assistencia das Portuguezas ás victimas da guerra, á sr.ª D. Maria Elvira Abolin Faria Pereira, extremaesposa do nosso presado amigo e correligionario sr. José João Pedro de Faria Pereira.

As illustres senhoras de Távira, sempre distintas em seus gestos, euidáram todos os esforços para fim tão louvavel, não se poupando a fadigas nem a sacrificios. A banda regimental abribantou a festa no dia 24, fazendo-se ouvir com muito agrado e entusiasmo. As senhoras promotoras da festa, estão muito gratas a todas as pessoas que as coadjuvaram e em especial aos srs. telefonistas que vieram incorporar-se no regimento de infantaria 4, para seguirem para França, os quais muito as auxiliaram nas festas do jardim.

NOTICIARIO

A Sociedade «Propaganda de Portugal» abriu concurso para um projecto de hotel, fazendo-se um premio de 300\$000, outro de 100\$000, e mais de 50\$000 para o 1.º, 2.º e 3.º classificados em primeiro lugar.

LOULÉ

Foram concedidos 60 dias de licença ao secretario geral do governo civil de Faro, sr. dr. José Vaz Guerreiro Juiz de Aboim.

Partiu para o norte, a fim de ir inspecionar as obras e serviços de defeza maritima na costa norte, o almirante sr. Alvaro Ferreira, major general da armada.

Encontram-se nesta cidade com alguns annos que costuma apresentar a exames no liceo o distincto professor e director de um collegio em Portimão, sr. José Negrão Bnisei.

Vimos em Faro acompanhado de sua esposa o sr. dr. Fructoso da Silva, juiz de direito da comarca de Albufeira.

Esteve em Faro de visita a sua familia o sr. Joaquim Paulino Fundado, pagador das obras publicas de Beja.

Já se encontra em Monchique a sr.ª D. Ana Sergio de Faria Pereira.

Foi deferido o requerimento da Parceria de S. Lourenço de Santa-Maria, de Olhão, pedindo prorrogação por mais cinco annos do arrendamento feito ao Estado de 22\$000 metros de arial na Ilhua da Culatra.

Deixou já o cargo do membro da Comissão de censura á imprensa de Lisboa, e foi mandado assumir o cargo de capitão do porto de Olhão, o 1.º tenente sr. Claro Outeiro.

Foi colocado na reserva territorial o alferes sr. Jerónimo Bivar, actualmente com residencia nesta cidade.

Parte brevemente para Vidago o sr. Afonso José Alves Peixoto, diggo escrivão da comarca de Faro.

Vimos em Faro, acompanhado de seu filho, o sr. dr. José Ribeiro Castanho, meretissimo juiz de direito em Portimão, aquem foram concedidos 30 dias de licença.

Encontra-se em Loulé o sr. dr. José Pedro.

Foi á assinatura presidencial o decreto exonerando o sr. Antonio Cardoso Teixeira de administrador do concelho de Lagoa e nomeado para o referido encargo o sr. Joaquim Eugenio Grade Juizice.

Já se encontra nas Caldas de Monchique a familia do sr. Ricardo Vila, importante industrial em Loulé.

Foram para Evora, onde prestarão serviço militar nas inspecções medicas, os srs. dr. Alberto de Sousa, medico em S. Braz de Alportel e dr. José Bernardo Lopes medico de Loulé.

Esteve ha dias em Faro, acompanhado de sua esposa o sr. Zacarias José Guerreiro.

Para Entre-os-Rios, fazer a sua habitual cura de aguas, partiu na quarta feira o sr. Manoel José Nobre, desta cidade.

Foi transferido para o distrito de Portalegre o fiscal dos impostos José Ruab.

Começam no dia 18 os exames na Escola Industrial de Lagos.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 15.—D. Antonio Manuela da Silva, D. Laurindo Silveira, D. Beatriz Gomes Faria, dr. Artur Aguedo, Justino Frederico Crispim, Antonio Magalhães Tinto e José Francisco de Figueiredo.

Segunda-feira, 16.—D. Marcelina Aragão, D. Maria Rufina Mendes, D. Clarisse de Oliveira Pinto, D. Lucinda de Vasconcelos Pacheco, Antonio José Viagas, Augusto Sebastião Monteiro, e Joaquim Augusto Baelear.

Tercera-feira, 17.—D. Laura Eduarda Mendes Piolo, D. Emilia de Sousa Saraiva, D. Carolina Maria Castro, dr. Miguel Romalho Ortigão, Joaquim Eduardo Simões, Antonio da Encarnação Balsa e Estanislau da Costa Ventura.

Quarta-feira, 18.—D. Luiza Victoria Lopes, D. Maria Joanna Saldanha, D. Eduarda Castello Branco, Antonio Dias Claro, Joaquim Mateus e Augusto Sabino.

Quinta-feira, 19.—D. Maria Albertina Moraes, D. Maria Jose Correia do Meio, D. Francisca Pascoal de Sousa, José de Silva Braga, Apollinario Viagas Lima e Joaquim Custodio Albuquerque.

Sexta-feira, 20.—D. Manuela Nunes, D. Natalia Augusta Ornelas, D. Carolina Douda Pinto, Manoel José Lincois, João José Rodrigues de Vasconcelos, e o meallo Antonio Joaquim Moreira da Silva.

Sabado 21.—D. Clarisse Dias Freire, D. Lucinda Alves Dias, D. Carlota Mariana de Sousa, Antonio Joaquim Ferreira, Sebastião da Cruz Fernandes e Victorino Dias Frede.

Casamentos:

Pelo sr. Humberto José Pacheco foi pedida em casamento a senhora D. Maria Elza Aboim, distincta professora, para o sr. Antonio Clemente da Silva, offical do Registo Civil em Santana da Serra.

Doentes:

D. Clementina Maria, D. Palmira Balmargo, D. Francisca Santa Lemos, a esposa do sr. Francisco Mateus, o sr. José de Sousa Del-risco e o menino Alberto Mora.

Decuj-nos-lhes prasias melhores.

Necrologia:

Faleceu em Loulé o fiscal dos Impostos Frederico Gonçalves.

A familia enlutada os nossos pezames.

A Companhia Geral de Credito Predial portuguez faz emprestimos sobre hipoteca de predios rusticos ou urbanos situados em qualquer ponto do Pais, a 6%, comprehendendo o juro e comissão.

Pedir esclarecimentos á sede da Companhia ou ao seu Agente em Faro, o sr. José Franco Pereira de Matos.

Venda de Casa

Rua de Alportel n.º 36, Faro. Trata-se com o sr. Dr. Justino Bivar, Rua Ivens.

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada 80-2.
 Telefone—n.º 695 telegramas—Boamenal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante do método do OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que os mesmos, sem recio de desmentido, por economia do óleo atingem, por vezes, 50% do consumo primitivo. Em motores de lubrificação automática embora os fabricantes aconselhem a limpeza do arter depois de um determinado percurso não há recio de gripagem, sendo a limpeza feita depois de um percurso dobrado ao aconselhado por esses fabricantes. Em motores cuja lubrificação é por

barbotage a economia, sendo tão sensível que atinge raramente entre 30% e 40%. Todos os resultados obtidos com o OILDAG são verificados em absoluto no fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e o menor consumo de gasolina no fim de 100 kilometros e economia esta que atinge por vezes 15% a 20% do consumo primitivo. Experimentar o OILDAG é usá-lo e a todos os automobilistas se roga no seu próprio interesse, um pedido a título de experiência, que muito gostosamente satisfaremos.

VELAS "REFLEX,"

Essas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo. São próprias e automaticamente se

luzpan. As velas REFLEX toam por sobre qualquer outra, dobrada existência São, por consequência, 50% mais baratas. Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL

O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário. Para 5 passageiros. Todos com iluminação, buzina e miscelânea eléctrica por dióxido.

STUDEBAKER

O carro de turismo por excelência. O rei dos carros americanos. O máximo conforto. Carros com todas as características.

Pneus Michelin

O melhor Sempre stok

KLAXONS, VULCANISADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS

Thermoid—SEMPRE EM STOK

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Ex-empregado da Livraria Popular
 Livros em todos os generos, novos e usados
 Depositário das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra
 Faz as mesmas condições de venda que as proprias casas Editoras

LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMARIA
 Todos os livros proprio pelos preços de Lisboa
 Instrução secundaria—Escolas normaes e liceus
 Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos
 Pedir o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é remetido gratuitamente

Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrétt, Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sêdo Freitas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel d'Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Júnior, João Chagas, Julio Dantas, Malheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto de Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arnoso, Conde de Monsaraz, Mario Monteiro, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre Antonio Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Fierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flammarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibañez, Paulo de Kock, Kropotkine, Lamartine, Larousse, Sienkiewicz, Tolstoi e Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da RENANSCENSA PORTUGUESA

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NAC ONAES E ESTRANGEIRAS
 Assinaturas para todos os jornaes romances nacionaes e estrangeiros

Aviso importante

Quaquer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Todo ao pessoa que desejarem algum artigo desta casa, devem mandar a sua importância em valor do correio. Se não tiverem na mão os livros que requisitarem, pedu-os imediatamente ao editor.

ALUGUER DE LIVROS

Todos os alugueres deixam em deposito a importância do livro alugado. Quando o restituirem doxtarão 20 por cento, o recebido o restante da importância que depositaram.

Façam todos os pedidos ao livreiro ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades Rua-D. Francisco Gomes, 40

FARO

Franco de porte

Jeronimo Dias Barbosa

IMPORTADOR-EXPORTADOR

CHIBUT

Caza—Africa Oriental

Mercearia e Padaria, Artigos para

Europeus e Indigenas

Quinquilharias

Recebem-se estudantes

Optimo alojamento com luz propria, excelente mesa.

Preços módicos

Rua Manuel de Arriaga n.º 19

(em frente do Liceu)

FARO.

Novidades Literarias

O CULTO DA ARTE EM PORTUGAL, por Ramalho Ortigão, 2.ª edição 1 vol. broch. 770, enc. 1.000.

ALGUNS ANOS DEPOIS (Continuação do romance Quatro Ripasigas) adaptação de D. Maria Paula de Azevedo, 1 vol. lindamente encad. empercalina vermelha e fls. douradas, 790.

HISTORIA UNIVERSAL DE GUI LHERME ONCKEN—Tomo 70.º

Livrarias Aillaud e Bertrand 73—Rua Garret—75 Lisboa.

HOTEL AMARO

ALBUFEIRA

As proprietarias deste hotel participam aos seus ex.ººs Freguezes que mudaram o seu hotel para novo edificio apropriado ao fim, situado no aprazivel Largo da Meia

Laranja:

Todos os quartos independentes e com luz propria

CONFORTO E ACEIO

AS PROPRIETARIAS,

Enestina da Piedade Amaro e Raquel do Sacramento Amaro.

CANDIDO DE SUSA

Fundado pela Escola de Lisboa e com as cursos especiais de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes; Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 46 F.º 3.º

Moto F. N.

4 cilindros em bom estado vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Enxofre Americano a receber brevemente vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Estanho

Vende-se. Garcia R.—R. do Ouro 274. Lisboa.

Casa

Com oito ou dez compartimentos espaçosos, precisa-se.

Carta a esta redacção.

ANUNCIO

Anuncia-se a venda do moinho chamado do Sobradinho. Está proximo da linha ferrea e tem terreno que serve para edificações. prestando-se tambem para construção de fabrica ou marinha. Recebem-se propostas em carta fechada no escritorio do sr. Parai-zo Pinto, rua de Santo Antonio n.º 61 A., até 15 do proximo mez de Junho.

FABRICA INDUSTRIAL L.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. DOMINGOS, 136

—FARO—

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarga-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Instrução Secundaria e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Traçado de Química Elementar (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO:—1.250)

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as teorias químicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e basanta desenvolvimento, a parte descriptiva é rica na indicação de experiências atraentes e preparações do verdadeiro interesse da vida pratica; e os problemas fundamentaes da quimica elementar estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literaes e exemplificações numericas da disposição dos cálculos. Este compendio contém as matérias dos programas officiaes para o ensino da quimica em todos os institutos da instrução secundaria e profissional, e foi adoptado em 1912 para a primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Comercial do Porto, e em diversos escolas normaes, industriaes, commerciaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distinctos professores.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 402 gravuras. PREÇO:—1.240

Este compendio, dividido pedagogicamente em pagenas lições, foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario e foram apresentados no concurso de 1899, e o seguimento mandado adoptar em todos liceus a par Decreto de 17 do novembro publicado no Diario do Governo n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Commissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192), e retornado a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 9 do official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192), e retornado a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está idicilmente actualizada e revista ao longo de um questionario que outubitos a presença da profeseora e facilita a revisão da matéria. Cada lição é acompanhada de um questionario que outubitos a presença da profeseora e facilita a revisão da matéria. Além disto, tambem no fim de cada lição, um cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, ou triees estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, um cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, ou triees estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, um cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, ou triees estudadas.

Traçado de Física Elementar (11.ª Edição). Um volume de 170 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO:—2.000

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1895, e o seguimento mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no Diario do Governo n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino licen complementar pela Commissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192) e a revistada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está idicilmente actualizada e revista ao longo de um questionario que outubitos a presença da profeseora e facilita a revisão da matéria. Além disto, tambem no fim de cada lição, um cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, ou triees estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, um cuja matéria podem ter lugar applicações numericas, ou triees estudadas.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes do ensino a que estão vulgarizadas em escolas de Portugal e do Brazil, acompanharam os progressos das ciencias fisico-químicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos no raio X, das correntes de alta frequencia, dos radionucleos, da telegrafia sem fio e da radioactividade. Os principios e applicações theoreticas, as experiencias demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica de obras modernas e de orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino licen complementar e ao ensino de curso geral de ensino secundario. São tambem livros uteis fora dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (recolitas e receitas) para principiar a obra; o telegrafista encontra os conhecimentos das noções dos corpos e da electricidade indispensaveis a sua profeseora; e todas as pessoas que desejam adquirir noções das fundamentos da natureza encontram elementos que devem satisfazer as exigencias do seu espirito.

COIMBRA—Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 415.

LIVROS: Publicaram-se os tomos 64 e 65 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a AILLAUD, ALVES & C.—Livraria Aillaud e Bertrand; Rua Garret, 73 e 75—LISBOA.

Novidades literarias

MEMORIA

do 1.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do v.º e 1.º centenario do seu falecimento 1816—1916 celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10, 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contém de todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, referencias das diferentes associações de instrução piedade e caridade estabelecidas no Algarve, uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida foto gravura de D. Francisco Gomes e um mapa topografico da diocese e provincia do Algarve. Vende-se ao preço de esc. 1.850 na Tipografia União—Rua Tenente Velodim—Faro—e nas Livrarias de cidade.

CAIXEIRO

PRECISA-SE de um com pratica de balcão, bom expediente, na Cooperativa A PREVIDENTE em Faro. Ordenado regular, exigem-se boas referencias.

VENDEM-SE

VACAS TOURINAS, PARIDAS DE FRESCO

JOÃO DE SOUZA ROMÃO

VILA REAL DE SANTO ANTONIO